

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

6.º ANNO

1 DE JANEIRO DE 1888

VOLUME VI — N.º 145



CONVENTO DOS JERONYMOS, EM BELEM — CLAUSTRO (segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

É espantosa a rapidez com que os annos se succedem. E muito possível que eu já tenha escripto isto aqui ou algures, alguma vez. Este pensamento mimoso apparece-me, todos os annos, no cerebro, com a regularidade com que as brônhas apparecem nas confeitarias, e pelo mesmo tempo.

Quando pego na penna para fazer o necrologio do anno que passa e saudar o anno que entra, é que reparo na vertiginosa rapidez, com que os doze mezes se passam. Ainda hontem eu dizia aqui, no OCCIDENTE, o meu adeus ao anno de 1881, e já hoje tenho que despedir-me do anno de 1882 que desce ao Passado na hora em que este jornal sae do prelo.

Volvendo um olhar rapido a esses 365 dias que vão ser enterrados no pó das velhas chronicas, encontramos uma longa lista de nomes queridos, que desapareceram da vida, uma lista muito mais curta decerto, infelizmente, de nomes brilhantes que vieram ao nosso encontro durante esses doze mezes, que passaram rapidos como uma visão de magica.

E seria curioso, hoje, ao entrar no Anno Bom, fazer o balanço d'esse anno que passou, que tantos saudaram como Anno Bom tambem e que para tantos foi mau.

Não nos lembrámos a tempo de reunir os elementos para esse balanço, no fim de contas triste, mas fazendo-o apenas com a memoria do coração, organizámos já uma lista desconsoladora e grande de physionomias sympathicas que nunca mais tornaremos a encontrar no mundo.

A' frente d'essa lugubre fileira de mortos, temos um dos mais queridos para nós todos, leitores e redactores do OCCIDENTE, que o conhecemos, apreciámos, e amámos na vida, Guilherme d'Azevedo; depois, que de nomes queridos e honrados se lhe seguem, Luiz de Campos, João Ricardo Cordeiro, Giorgi Paccini, Achilles Rambois, bispo de Vizeu, Antonio Rodrigues-Sampaio, e o pobre, o grande e malogrado Saraiva de Carvalho, que veio inesperada e dolorosamente fechar a funebre lista.

Não é porém só de tristezas este relançar de olhos para o passado. N'esses doze mezes decorridos encontramos muitas noites de alegria e de festa, uma comemoração grandiosa, a do centenario do Marquez de Pombal, umas festas brilhantes, as da visita do rei de Hespanha, esse grande acontecimento artistico, que marca epoca na nossa historia; — as recitas de Sarah Benhardt, e a pequena Cuniberti, e a Marini, e finalmente o celebre tenor Gayarre, a fazerem no theatro o principal acontecimento de Lisboa durante o anno inteiro.

Felizmente tudo se equilibra n'este mundo, e não ha recordações tristes, que não tenham a acompanhá-las recordações festivas; uma doce e justa compensação da terrivel inversa.

Tudo se equilibra, menos isso. Ha uma excepção a esse tudo: — as consoadas.

Como todos que nos leem nos comprehendem decerto n'este momento, carregados de versos de jornaes e de bilhetes dos carteiros.

Durante todo o anno a imprensa enche as suas columnas a fazer queixas contra o serviço do correio.

Parece, pelas cartas que se perdem, pelos jornaes que chegam tarde e más horas ao seu destino, que é insignificante o pessoal de carteiros.

E ao n'estes dias solemnes de fim e de começo d'annos, que reconhecemos assombrados, quaes numerosos e incalculavel é esse pessoal.

No dia de Natal acreditei que não havia em ponto algum do mundo, mais carteiros do que em Portugal, como aqui ha annos, Pinheiro Chagas e eu, ficámos com a convicção profunda de que era colossal, o exercito portuguez.

Foi n'um dia 24 de julho qualquer em que houve parada no Rocio e depois parada no Caes do Sodré, onde se inaugurava a estatua do duque da Terceira.

Nós, fiados demasiadamente n'essa *blague* para ali inventada, que o exercito portuguez é pequenissimo, fomos á parada do Rocio.

Muito fartos já de soldados, sahimos d'alli para o Caes do Sodré, na triste missão de jornalista, que tem de assistir a todas as massadas ruidosas, que se pregam em Lisboa.

Mettemo-nos n'uma tribuna assistimos ao desvendar da estatua.

Até aqui muito bem mas depois *helas!* o governo preparava-nos uma surpresa terrivel.

O exercito que vimos passar no Rocio, estava escondido no Terreiro do Paço, e quando nós nos julgavamos já livres d'elle, eil-o que começa a destillar em passo miudo, e com artilheria á

frente, por diante da estatua do duque da Terceira, e infelizmente, de nós, que estavamos *vis-à-vis* a ella.

Quizemos fugir, mas era impossivel. Estavamos perfeitamente bloqueados pelo povo pela cavallaria, pelas carruagens, na nossa tribuna, e além d'isso, a enorme linha de tropa que se estendia pelo aterro tirava-nos a mais ligeira esperanza, de uma vez na rua, poderemos atravessar para o lado opposto.

Resignámo-nos porque não tinhamos outro remedio, e vimos passar as tropas.

Ah! meu Deus que exercito! Só de pensar n'elle sinto ainda o frio e a fome, que n'essa tarde, memoravel para a patria e para o meu estomago, senti no aterro.

Cada companhia de infantaria fazia-nos o effeito d'aquelles enormes batalhões prussianos que Moltke atirava brutalmente contra a França de 1870; e por fim julgavamos assistir já a essa extraordinaria marcha das colossaes massas de tropas que a Russia amontuava nas suas fronteiras, quando se agitava a celebre guerra do Oriente.

Com os carteiros do meu districto aconteceme o mesmo, do que com o exercito portuguez no Aterro da Boa Vista: os batalhões de bilhetes de visita erguem-se em himalayas na minha mesa aterrada.

Nem tudo se equilibra n'este mundo!

— No dia de Natal, já dentro das festas alegres d'estes dias de liquidação de anno, houve em Lisboa uma grande festividade original, brilhante e respeitabilissima: — foi a distribuição dos premios aos alumnos das escolas primarias municipais, effectuada com toda a solemnidade na grande sala do risco do arsenal da marinha.

Apesar de eu me encontrar nas melhores condições litterarias para fazer uma descripção, pomposa de estylo, d'essa festa civilisadora, visto não ter assistido a ella, poupo as galas da minha rhetorica porque o OCCIDENTE se occupará d'ella minuciosamente em artigo separado. Ainda bem para nós todos.

— Terminou o concurso de Pinheiro Chagas no curso superior de letras. No dia 22 de dezembro o grande escriptor e illustre parlamentar defendeu com um talento e um vigor excepcionaes a sua these e foi logo em seguida aceite por unanimidade professor da cadeira de *litteratura antiga* d'aquelle curso, cadeira vaga pela jubilação do sr. conselheiro Viale.

No fim d'esse concurso deu-se um facto original e justissimo: a quem se deram mais parabens pela entrada de Pinheiro Chagas para o curso superior de letras, não foi a Pinheiro Chagas, foi ao corpo escolar do curso.

Effectivamente o eminente escriptor entrando para o curso superior de letras, vae abrir uma era nova de brilho e de valor litterario n'quelle curso, a que outr'ora deram uma fama notavel as lições brilhantes de Rebello da Silva, e de Jayme Moniz.

— Terminou as suas recitas em Lisboa o grande tenor Gayarre. Agora, é que vae começar a sua glorificação, ouvindo-se os tenores que tem de lhe succeder.

Ha muitos annos que ouvidos portuguezes não ouviam cantar assim, e agora, elles, como no fim de contas os ouvidos de todo o mundo, não de estar muito tempo sem ouvir nada que se pareça com aquillo, a não ser que o sr. Freitas Brito traga a Lisboa, como já se disse, o tenor Massini, que está cantando em Madrid, e que é hoje o unico competidor de Gayarre no mundo lyrico.

A ultima opera que o grande artista cantou em S. Carlos foi o *Fausto*; uma edição de luxo do primeiro *Fausto* d'este anno, a que para ser em tudo primorosa, e não se parecer com a primeira, só sobejou a sr.^a Leoni no papel de Siebel.

A sr.^a Wanda Miller, de triste memoria foi substituida pela sr.^a de Reské e o sr. Signoretti pelo sr. Gayarre.

Nunca ouvimos em S. Carlos um *Fausto* semelhante, a não ser na sua primeira representação, quando Margarida se chamava Eliza Volpini, Fausto, o tenor Mongini, Mephistopheles o baixo Junca e Valentim o barytono Squartia.

Depois tem havido no *Fausto* varios successos parciaes, o da sr.^a Vitali e da sr.^a Ida Bensa no papel de Margarida, o do baixo Petit, o mais extraordinario Mephistopheles que temos ouvido — e o do baixo Vidal. Successo completo como do *Fausto* actual nunca mais tornámos a vêr, e *Fausto* como o tenor Gayarre, nem coisa que de longe se lhe aproximasse, apesar de Gayarre não ser n'esta opera tão grande como na *Favorita*.

A sr.^a De Reské não sendo uma Margarida completa, faltando-lhe para isso o talento dramatico e as condições physicas, é uma cantora de primeira ordem, possui a voz mais deliciosa,

mais fresca, mais san e mais facil, que temos ouvido, e não tendo uma unica queda em toda a opera, tem trechos de *successo*, e como por exemplo o tercetto do ultimo acto, em que é prodigiosa.

O sr. De Reské na parte de Mephistopheles é excellente como o fora da primeira vez.

E o nosso pesar ao ouvir cantar assim o *Fausto* na quarta feira, é que naturalmente não o tornaremos a ouvir cantar assim tão cedo.

E d'aqui a mezes, ou mesmo a semanas, perguntaremos aos descontentes do sr. Gayarre, se persistem no seu descontentamento.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

CLAUSTRO DO CONVENTO DOS JERONYMOS

No sitio do Rastello, levantara o infante D. Henrique no meado do seculo xv uma capella, para prover ás necessidades espirituas dos mariantes, cujos barcos ancoravam sobre as aguas que o banham.

Doou depois á Ordem de Christo a espiritualidade e temporalidade d'esse pequeno templo.

No fim d'esse seculo, D. Manoel quando enviou Vasco da Gama, ao descobrimento da carreira da India, resolveu ampliar a pequena e modesta construcção do infante D. Henrique. Como era muito devoto de S. Jeronymo fez levantar, no mesmo sitio, um convento, como fez em outras partes, em honra d'aquelle doutor da egreja.

D. Manoel deixou incompleto o magestoso edificio, que seu filho continuou, e no qual se trabalhou no tempo de seu neto, e ainda depois, de maneira que parece que cada geração veio trazendo uma pedra para a maravilha portugueza, considerada, junto com o edificio da Batalha, os dois paladios da liberdade e feitos heroicos d'esta briosa nação.

Não faremos agora descripção, nem historia do edificio, está mais ou menos feita por Varnhagen, e por outros em varios periodicos; limitamo-nos apenas a apresentar aos nossos leitores uma vista do claustro mais moderno, cujos pilares destoam completamente do resto da architectura.

Uma bellissima fonte que adorna esse claustro é a obra de arte que principalmente se divisa na nossa gravura, e que attrahe a vista e a admiração dos visitantes.

Teremos occasião de apresentar outras vistas d'este magnifico edificio, de que já nos occupamos (pag. 9 e 12 do vol. II) e de que ainda nos occuparemos.

CARLOS JOSÉ CALDEIRA

Era um homem instruido e intelligente. Collaborára em varias folhas periodicas litterarias e politicas, taes como: a *Revista Peninsular*, *Illustração Luso-Brazileira*, *Archivo Pittoresco*, *Correio da Europa*, *Archivo Universal*, no *Diario de Noticias* e *Jornal do Commercio*, onde publicára uma série de artigos sob a assignatura *Veritas*, onde mostrou os seus conhecimentos economicos e financeiros.

Em tempos que vão longe, felizmente, houve uma pleiade de espiritos, em Portugal e Hespanha, a quem arvoou o sonho da união ibérica, Carlos J. Caldeira entrou n'esse numero. Eram effervescencias resultantes dos successos politicos dos dois paizes até 1850. O illustre fallecido traduziu, publicou e annotou o livro de D. Simbaldo de Mas, intitulado — *A Iberia*, que produziu uma grande controversia politica, já nas folhas periodicas, já em grande numero de folhetos avulsos, difficeis de reunir hoje.

Quem visse hoje esse anciao alquebrado e todo entregue a uma religiosidade bastante vehemente, mal reconheceria n'elle o revolucionario de outras eras.

Ainda assim, Caldeira foi sempre sério e religioso, e ainda n'essa controversia politica guardou sempre, bem ao contrario de hoje, cortezia, seriedade, e nenhum desmando religioso.

Já depois dos quarenta annos, encetou e fez uma viagem ao nosso extremo Oriente, á *China*, de que nos deixou um livro interessantissimo: *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China e da China a Lisboa*. Carlos José Caldeira teve a fortuna, de que raros portuguezes

de hoje têm gozado, de ir lustrar, com a sua propria vista, a maior parte dos pontos descobertos ou conquistados pelos nossos patricios desde o xiv^o até ao xvii^o seculos. Partiu pelo Mediterraneo, e seguiu pelo Mar Vermelho até á China, e d'ali regressou por Moçambique e Cabo da Boa Esperança. O seu livro deixa ver o erudito da historia patria e o homem pratico que analisa o estado das coisas e alvitra as necessarias reformas. Nesta obra sente-se um portuguez verdadeiro. Ha ainda sobre o mesmo assumpto as suas *Considerações sobre o estado das missões e da religião na China*, que deve ser lido por quem trata d'esses assumptos. Publicou mais: *Relatorio acerca da escola Casal Ribeiro em 1863*, *Biographia do bispo d'Angra D. João do Amaral*, e que foi impressa no nosso periodico, e *Relatorio e descripção do Arçlo dos cégos de Castello de Vide*, etc.

Carlos José Caldeira tinha o curso completo da antiga Academia de marinha e da antiga aula de Commercio, exerceu varias commissões de serviço publico, tendo sido o primeiro *Chefe da Repartição de Estatística* creada no Ministerio das obras publicas, e Inspector geral das alfandegas.

Nasceria o sr. C. J. Caldeira em Lisboa a 23 de janeiro de 1811, sendo filho natural do desembargador José Vicente Caldeira de Casal Ribeiro, e por tanto irmão do sr. Conde de Casal Ribeiro, por quem tinha entranhada afecção, do que dá vivo testemunho nos *Apontamentos de uma viagem*, etc., quando se refere á impressão agradável que lhe causaram em Angola as folhas do reino que se referiam á grande figura que então fazia no parlamento aquelle illustre estadista.

Foi casado duas vezes, deixando dois filhos do primeiro matrimonio e um do segundo.

Falleceu na sua casa, na freguezia de S. Bartholomeu do Beato, a 30 de novembro de 1882, depois de um anno de padecimento, que soffreu paciente e resignado. No seu testamento deixa transparecer as suas ultimas idéas e vontades, que cumpre respeitar, mas com que não estamos muito de accordo.

Paz á sua alma.

FIGUEIRA DA FOZ

E' das povoações de Portugal que nos ultimos tempos mais se tem desenvolvido, conquistando com incontestavel justiça, os foros de cidade que, o governo por carta regia de 20 de setembro ultimo, lhe concedeu.

A cidade da Figueira da Foz está situada 44 kilometros a O de Coimbra e 185 ao N de Lisboa, as suas praias são banhadas pelo Atlantico e pelo rio Mondego; e continuando a engrandecer-se como tem feito até hoje, em breve virá a ser uma cidade maritima de primeira ordem.

Ainda nos principios do seculo passado era apenas uma aldeia de 300 habitantes, e pouco mais desenvolvimento tinha quando em 1771 el-rei D. José a elevou á categoria de villa.

Nos primeiros tempos da monarchia portugueza, em que a corte residia em Coimbra, era na Figueira que se armavam as naves e d'ali sahiram algumas armadas.

Hoje a Figueira é uma cidade que está crescendo a olhos vistos, organisando companhias edificadoras que tem augmentado consideravelmente o numero de edificações ascendendo já a não menos de 1:600 fogos com cerca de 6:000 habitantes.

Possue edificios muito notaveis incluindo um magnifico theatro, e o seu porto está defendido por uma doka de construcção recente e de que a nossa gravura mostra uma boa parte.

O seu aspecto é alegre e festivo e de um delicioso pittoresco a par de um bello clima. Este conjunto de attrativos chama grande concorrencia de banhistas, na estação propria, ás suas magnificas praias.

O seu commercio é importante para o que lhe basta ter um magnifico porto de mar, por onde exporta grande quantidade de sal, azeite, vinhos, cereaes, etc.

Agora o caminho de ferro da Beira vae-lhe dar mais elementos de vida e desenvolvimento assegurando um futuro prospero a esta boa terra.

Em breve daremos mais algumas gravuras da Figueira e publicaremos mais algumas noticias a seu respeito.

A FEIRA DA LADRA

Discutem ainda os sabios sobre a verdadeira significação do nome d'essa legendaria feira, que

hoje arrasta uma vida ingloria, lá para longe de nós, nos confins da velha Alfama. Querem uns que feira da Ladra seja uma corrupção de Feira da Lada, e que esse mercado extranho e insalubre, quasi coevo da fundação de Portugal, era assim denominado por se fazer á beira do Tejo ou lada, como então chamavam vulgarmente ás margens do rio.

Querem outros, e afigura-se-nos, se não com mais razão pelo menos com mais verosimilhança, que a feira da Ladra deve o seu nome ou a serem na primitiva os objectos n'ella vendidos, objectos roubados, ou a ser o preço por que esses objectos ali se vendiam, tão barato, que mais pareciam elles adquiridos pelo roubo, do que por negocio licito.

Se os sabios ainda não conseguiram destrincar completamente as origens da feira da Ladra, não seremos nós com certeza, que intentaremos resolver aqui o difficil problema. Da Lada, ou da Ladra, o que é certo é que essa feira tem um passado legendario, e representa ainda hoje uma das tradições mais extranhas e originaes dos mercados portuguezes.

Desde tempos remotos alguns historiadores dizem que desde o seculo x, até proximo do terremoto de 1755 a Feira da Ladra fazia-se, diariamente, no sitio hoje conhecido pelo nome de Ribeira Velha. Nos ultimos annos o mercado descerá mais para o occidente e fazia-se na arcada dos Paços da Ribeira, na parte que olhava a rua do Arsenal e o Terreiro do Paço.

Depois do terremoto, o marquez de Pombal mandou transferir a feira para a Praça da Alegria, e em vez de ser diaria passou a ser semanal.

Em 1836 a feira foi mandada para o campo de Sant'Anna, onde nós todos a conhecemos, e d'onde em junho de 1882, a camara municipal a mandou passear até ao mercado de Santa Clara.

A nossa gravura representa a feira da Ladra no campo de Sant'Anna, e apanha, em flagrante, alguns typos, alguns episodios, e algumas scenas caracteristicas, d'essa feira.

Na nossa vida actual a feira da Ladra é um dos mais inexplicaveis mysterios de Lisboa.

Não se comprehende, ao atravessar aquelle enorme oceano de lixo, que se estendia por todo o campo de Sant'Anna, e que hoje se alastra pelo mercado de Santa Clara e immediações, que aquillo seja um commercio, e que haja quem venda e sobretudo quem compre a immensidade de imundicies que constitue o fundo d'aquelle mercado extravagante. Montes e montes de farrapos informes e imundos, filis interminaveis de sapatos sem solas, nem couro, chapéos sem feitiço, de louca em caços, de ferragens ferrugentas e espedaçadas, de vidros quebrados e sem prestimo conhecido, a escoria de qualquer monturo que se prezasse, tudo isso vê o sol ás terças feiras nos innumerables logares da *feira da Ladra*, e tudo isso vae pouco a pouco desapparecendo do chão, sendo comprado, a dinheiro, por pessoas extraordinarias, que descobrem uma serventia qualquer, a satisfação d'uma necessidade, n'esses objectos asquerosos e de uso desconhecido!

Houve um tempo em que a *feira da Ladra* era a mina dos archeologos, dos eruditos, dos grandes amadores de arte e de raridades, dos delicados de Portugal.

Encontravam-se ali, por preços fabulosamente baratos obras primas em todos os generos, objectos de um valor inestimavel, *sayences* maravilhosas, manuscritos preciosos, edições unicas de livros de grande valor, gravuras rarissimas.

Tudo isso porém desappareceu, com a ingenuidade dos vendedores da feira da Ladra. Hoje não ha feirante mais obscuro e lorpa, que ao cahir-lhes nas mãos uma porcelana de Sevres legitima, um prato da velha India, um infolio valioso, não vá logo, vendel-o por bom preço aos colleccionadores, ou não peça por elle, na sua barraca, o preço, senão o duplo, do que elle valle.

Os *dilletanti* da feira da Ladra começaram portanto a abandonar-a, os objectos raros e bons deixaram de affluir a ella, e a velha feira, toda entregue á exploração do trapo e do lixo, arrasta uma vida inutil, illogica e pouco duradoura, tendo já a resar-lhe o officio da agonia, por entre os seus proprios logares, as succursaes ambulantes das barracas de tres vinteis, e dos tableiros de sortes *todas premiadas*, que depois de assassinares já as quinquilherias das feiras elegantes, vão dar cabo da farrapagem da feira popular e tradicional.

A mudança do Campo de Sant'Anna para o campo de Santa Clara, foi o *coup de grace* dado á velha feira, cuja descripção minuciosa daria volumes de philosophia social, de tragedias horriveis, de farças homericas. A enorme romaria que todas as terças feiras subia a rua do Telhal

e a calçada de Sant'Anna, á procura da novidade, da saudade, e do pittoresco da feira da Ladra, dispersou-se para nunca mais se reunir, não aprendeu o caminho de S. Vicente.

Ao campo de Sant'Anna la-se levado pela curiosidade: a Santa Clara, se se é levado pela curiosidade, é-se tambem levado pelo Americano o que é um pouco mais caro. Deixou de ser um entretenimento para ser uma despeza, de ser um passeio para ser uma viagem; e n'esse dia a *feira da Ladra* viu empallidecer-se-lhe a fama e apagar-se-lhe a gloria.

Deus nos livre de lhe agourarmos a existencia, querendo dar a esta noticia rapida uns tons lugubres de necrologio, mas, se essa macrobia um dia morrer, poderá dizer-se d'ella o que se diz trivialmente de todos os mortos illustres, e com mais verdade, do que de alguns d'elles; morreu para o mundo, mas viverá na historia. E ha já um bom par de seculos que a Feira da Ladra vive n'ella.

L.

JOSÉ MARIA DE CAMPOS

É positivamente o retrato d'um heroe o que o OCCIDENTE publica hoje, heroe tanto mais sublime, quanto terrivel e obscura foi a sua morte, sem a ir procurar em busca da gloria, da apoteose, ou da fama, deixando-a vir lentamente ao seu encontro, no cumprimento estricto do dever.

O facto é sabido de todos, cremos, mas o OCCIDENTE, tem obrigação de registral-o, como um dos mais brilhantes, gloriosos e sublimes, dos portuguezes d'hoje.

José Maria de Campos era machinista da canhoneira portugueza *Rio Ave*. Em viagem de Ajuda para a ilha do Principe a corveta esteve em eminente perigo d'ir pelos ares com uma explosão terrivel. Salvou-a d'esse perigo, a coragem heroica d'esse pobre machinista, que para a salvar perdeu a vida com uma abnegação sublime.

N'essa viagem, uma manhã sahio de repente um grande fumo da casa da machina. O engeheiro de bordo quiz descer a ver o que era, mas fel-o recluir a agua a ferver que saia em cachão logo atraz do vapor. Por entre essa agua appareceu da casa da machina á tripulação aterrada do navio, um homem completamente desfigurado, com as mãos e pernas caídas, o corpo n'uma chaga, a bocca cheia de espuma e sangue, os olhos completamente queimados, gritando: *as valvulas, abram as valvulas!*

A tripulação correu logo a obedecer á ordem d'esse extranho martyr, o vapor da machina condensou-se, as fornalhas apagaram-se e o perigo passou n'um momento.

Entretanto esse homem caia moribundo, morrendo momentos depois no meio de terribes contorsões, e murmurando apenas:

— Morro pelo meu dever!

O extranho e assombroso facto explicou-se logo.

Esse homem, o machinista José Maria de Campos estava de quarto, quando se partiram os parafusos que apertavam o foieiro da caldeira de estibordo. O macho voltou fóra, e a agua a ferver jorrou immediatamente. José Maria podia fugir logo, e talvez se salvasse, mas arriscava a vida de todos. Preferiu arriscar, arriscar não, perder, a sua. Para evitar a explosão, não fazendo caso da agua a ferver que lhe queimava atrozmente o corpo tentou alliviar as valvulas; e não o conseguindo, todo n'uma chaga, meio morto, teve ainda na sua corajosa consciencia do dever, forças para subir a escada e avisar os seus companheiros, do perigo enorme que os ameaçava!

E expirou martyr da sua dedicação!

José Maria de Campos, nasceu em Lisboa em 1850 e era filho de Gregorio Antonio de Campos e Joaquina Rosa da Paz e Campos; ficou orphão de pae aos 18 annos quando completava a sua aprendizagem de serralheiro de machinas e latoeiro no Arsenal, para onde tinha entrado aos 11 annos. Trabalhou n'uma exploração de minas em Montemor, por conta de uma companhia ingleza; depois voltou aos trabalhos do Arsenal e estava para ser promovido a ajudante de 2.^a classe em fevereiro proximo.

A sua morte deixa na maior miseria sua pobre e velha mãe. A patria tem a obrigação restricta e imperiosa de olhar por essa triste mãe, e de lhe pagar no pouco que pode, o muito que seu filho lhe deu.

O obscuro machinista cumpriu o seu dever heroicamente; resta ao governo cumprir generosamente o seu.

SUCESSOS DO EGYPTO

XIII

(Continuação)

No dia 12 partiu Woolseley com as tropas de Alexandria em 16 transportes e 5 couraçados. Entrou na baía de Abukir próximo à noite, e, depois de fazer ali uma certa demonstração, seguiu pelo canal de Suez chegando às 8 da noite a Port-Said. O general mandou desembarcar tropas que se apoderaram dos telegraphos, etc.

Em seguida fez embarcar nos escaleres e lanchas a vapor tropas que se dirigiram a Suez, em quanto elle e o almirante Seymour chegavam a Ismailia às 3 horas da manhã, onde desembarcavam e de que tomavam posse, fazendo logo partir forças para o interior, que se apoderaram de Neftsch, um dos postos fortificados das tropas d'Arabi.

As forças que chegaram a Suez encontraram-se com as tropas que chegavam da India e que d'esse ponto seguiam ao destino que lhes fora marcado. D'esta forma o general Woolseley assegurou a navegação do canal, que apesar dos protestos do sr. De Lesseps e dos promettimentos de Arabi, não se julgava livre de qualquer agressão e prejuizo que os beduinos lhe podessem causar; tendo-se supposto, não sabemos se com bom fundamento, que o intentavam cortar em alguns pontos.

D'estes e de outros pontos que os inglezes occuparam, foram avançando na direcção de Zagazig e Tell-el-Kibir, centro das operações de Arabi-pachá.

Não nos demoraremos a enumerar os diversos combates mais ou menos importantes, que foram fazendo cahir em poder das tropas do general inglez os varios pontos bem occupados pelas

tropas egypcias, mas em geral muito frouxamente defendidos por ellas.

Temos pressa de chegar á batalha do dia 14 de setembro, em que se julgou extinta a insurreição, e com a qual se cumpriu a palavra do general Woolseley.

Turquia, reconhecendo o erro que cometera em não intervir quando lhe fôra solicitado pelas nações europeas, intentou por varias vezes realizar a sua intervenção, mas as condições que os inglezes lhe apresentavam, e outras causas, fizeram com que ella não se podesse realizar. R.

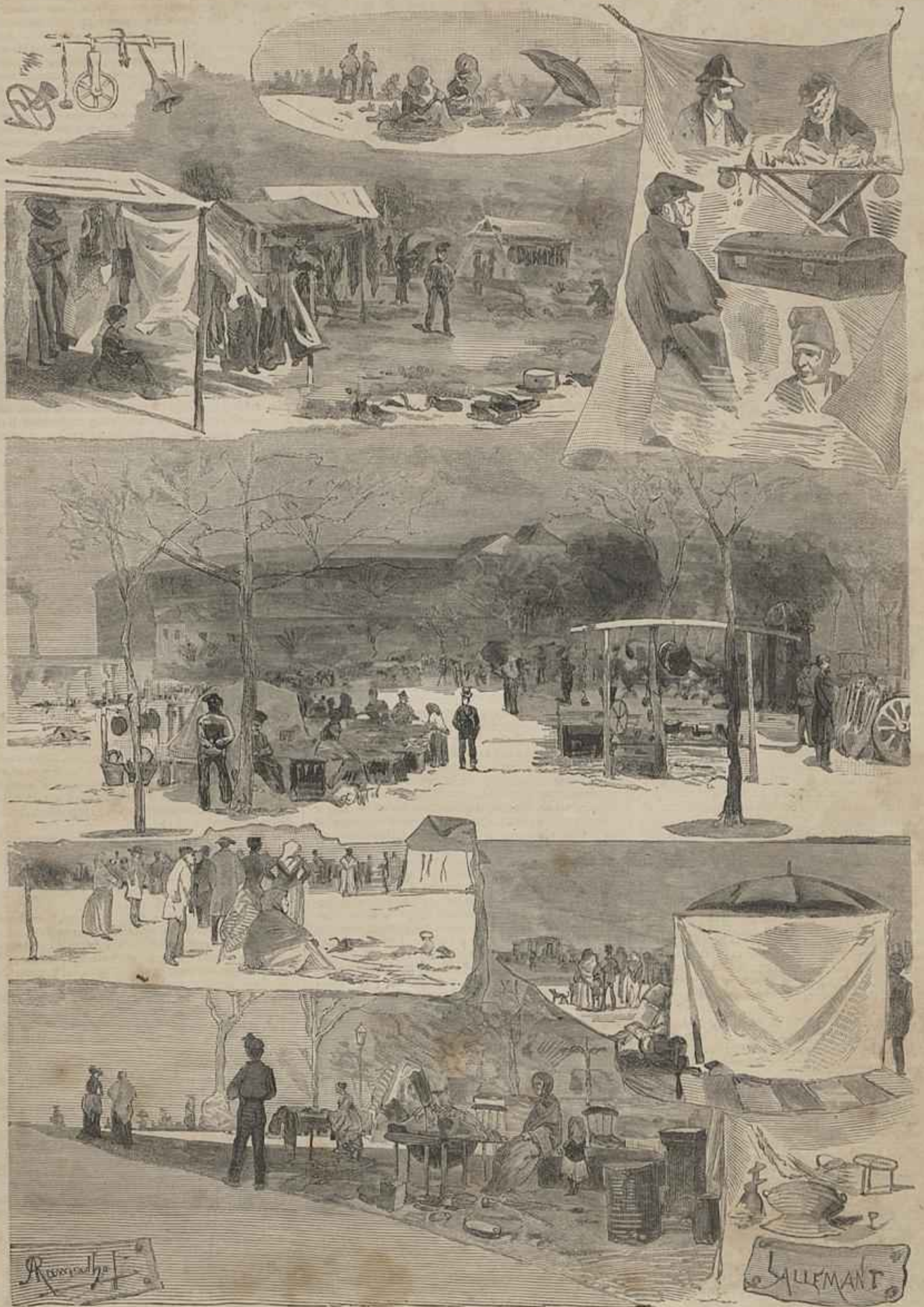


CARLOS JOSÉ CALDEIRA — Fallecido em 30 de Novembro de 1822

(Segundo uma photographia de Sacramento)



FIGUEIRA DA FOZ (segundo uma photographia de Ubaldí)



LISBOA — A FEIRA DA LADRA NO CAMPO DE SANT'ANNA (Apontamentos do natural por Antonio Ramalho)

CARTAS DO DOURO

IV

N'esta minha aldeia montanheza, a velha superstição conserva-se ainda fundamentalmente enraizada, e com muito trabalho lento e tenaz o verme feio da descrença a vae roendo, ironicamente. Podia agora fazer-lhes um estudo longo, laborioso, e ainal de contos interessantes, de todas as imaginosas fabulas e contos estupendos ou simplórios, que por aqui, entre duras serras carrancudas, circulam doidamente em cavalgatas excandescentes de torvelinhante sabbat; mas, francamente, prefiro a essa bella massada errçada de medos camponios, a fadiga muscular e trabalhosa d'excursões por sitios alpestres, que a cada hora me solicitam irresistivelmente. Entretanto, vou apontar alguns detalhes especiaes das mais accentuadas crendices dominantes, historias ao acaso, casos exemplificantes; e peço ao leitor, que me esteja lendo regaladamente estendido entre estôfos, á luz amoravel do seu globo, e n'um centro ruidoso de cidade, onde as patrulhas atravessam a noite de passadas lentas, e guitarras passam gemendo dolentemente, que não se ria muito dos terrores aldeões, filhos do silencio tenebroso da noute serrana, ou dos nocturnos rumôres que retumbam n'um mysterio; eu mesmo, que sinceramente me presumo de espirito forte, já algumas vezes, em noites mudas de crystallino luar e no meio de pinheiraeas diabolicamente sardonicas e susurrantes, me tenho surpreendido trespassado d'um tremôr e os cabellos encrespando-se levemente pelo corpo, quando do matto obscuro me sae inesperadamente um barulho — sem causa apparente. Em vão eu procuro ver o que é; faz-se quasi de repente um silencio completo; e talvez fosse uma raposa assustada, mas qualquer bom camponio no meu caso diria logo, tranzido e laconicamente: — o diabo!

Tambem, é o diabo quem tem mais constante gasto medroso e convicto nos pavôres sertanejos, ás vezes fataes, e nas explicações atarantadas de todas as más cousas; contam-se d'elle as mais extraordinarias aventuras, metamorphoses, estrondos, sópros, tricas, grosseiras tentações variadas n'uma escala infinita, passeiatas volantes pelo espaço, os classicos estouros, e o cheiro infernal a enxofre; mas nunca pude conseguir que me precisassem bem nitidamente um caso irrefutavel de appareição do extravagante monstro. Todos crêem n'elle e o temem; mas na propria inconstancia elastica de formas e effeitos que lhe attribuem, se reconhece que lhes falta uma boa observação experimental.

Não acontece o mesmo com os lobis-homens, as devoradoras bestas noctivagas, que de pacificos bons homens d'aldeia se transformam nas noites aziagas em burros phantasmagoricos de uma furia damnada. Quantas pessoas affirmam calorosamente tel-os visto ou encontrado, a deshoras, em noites de terça ou sexta-feira! Sobretudo, é frequente vêr-se um lobis-homem galanteador espojando-se n'uma lubricidade fatidica á porta de certas cavallariças, emquanto que lá dentro as eguas e as burras escouceiam n'uma furia sensual; e não é menos frequente o caso sabido de aldeões animosos esperarem valentemente amigos seus tornados lobis-homens, e darem-lhes uma funda facada não sei em qual ilharga, e que providencialmente lhes corta o «fado» penoso. Felizmente, tem elles a mania estouvada de passar pela gente n'uma cegueira corredora, e de só a farejarem ao longe; porque, do contrario, que ceifa voraz de vidas não iria bisemanalmente pelas pobres aldeias abandonadas e immersas na noute sinistra! Um caseiro meu visinho é reconhecidamente lobis-homem; e sua propria mulher afirma com magua que o sente fugir-lhe da cama vezes innumeraveis, — apparecendo-lhe de manhã todo tremulo, livido, frio, e resmungando surdamente monosyllabos ferozes.

A existencia perigosa das bruxas não é menos averiguada e notoria do que a dos feros lobis-homens. Comtudo, as mutações diversas em que ellas se comprazem estonteiam inhabilmente as curtas imaginações, alimentadas a brôa espessa; e como não assentaram ainda prudentemente em apparecer sempre sob uma forma determinada, são evidentemente as bruxas que mais depressa perderão todo o seu prestigio antigo. Mas, transformadas em gallinhas, ou em porcas, ou em velhas tigrinas, — como o são em vida natural e diurna, — ou em fôfnhas, ou em innumerables animalejos assoladros e berradôres, vão entretanto povoando as noutes de furiosas estroinices bebedas, e estragando cearas, e matando crean-

ças chupadas, e espalhando copiosamente enguiços e molestias. Mesmo, d'uma noute sei eu em que ellas, tomadas d'um capricho mais que excentrico e inoffensivo, se foram a um ronheiro barco do Douro, e tanto remaram phantasticamente, que o levaram ao Brazil, e vieram pô-lo no seu logar antes de amanhecer! Resta ainda saber se trouxeram occultamente o barco bem carregado de exuberante ouro.

Estas são as tres principaes creações dubias mas tragicas que tripudiam ás soltas durante as longas noutes aldeãs; mas, em camada inferior e vagamente, ha tambem as famosas sombras ou phantasmas, e as veridicas almas penadas. Em facto humanamente existente, e d'um poder doentio ou mortifero sobre as gentes desgraçadas, ha o vulgar «mau-olhado», — isto que se pretende explicar por não sei que fluidos singulares; e da productiva industria da feiticaria, curando doencas e achaques e doidices, arranjando casamentos, preparando mortes desejadas, expulsando impertinentes diabos mettidos em corpos mais ou menos delectaveis, e salvando até os campos arruinados de males, vive aqui na minha aldeia todo um espantoso enxame de mulheres sabias que, com os seus feitiços e rezas bem pagas, são as rivaeas da padraria rural, e o desespero dos medicos provincianos.

Umhas megeras desgrenhadas, que em certas noutes negras vão aos bandos sinistros para o adro da egreja isolada, ou para os sitios mais tenebrosos, fazer invocações infernaes, e rezar em côro interminaveis lengas-lengas cabalisticas, que põem um som rouco de pavor atravez da treva soturna.

Agora, um assumpto mais positivo.

Seguindo em comboio pelo valle do Douro acima, desde que o paiz vinhateiro começa não se vêem d'ambos os lados senão collinas pansudas e encadeadas, torcidas sempre em ziguezues violentos, e por onde os vinhedos se penduram espessamente, na commodidade assente e proficua d'uma velha posse. Para elles mais á vontade descanzarem e produzirem, tem-se-lhes diligentemente escadeado as aprumadas encostas em degraus sobrepostos de socalcos baixos, prolongados em toscas regularidades systematicas, que aguentam as terras, e armam espectacularmente como que uns thronos gigantescos ao victorioso pampano; e é consolador vêr durante todo o verão estas paisagens uniformes mas delectuosas, luxuosamente vestidas de verduras intensas e opâcas, por onde ha manchas brancas de grandes adegas, estreitas e longas, e de moradias opulentas acompanhadas de pequenas capellas caiadas.

O rio mesmo não é tão rude por aqui, e só de longe em longe se arrepella furiosamente em cachoeiras espumacantes, correndo quasi sempre serenamente por entre as fôfnas almofadas dos arcaes amarellentos, reluzentes ao vivo sol, e apanhando ás vezes a sombra rara e generosa de altos choupos murmurosos. Pelas margens apparecem tambem frescos retalhos de pomares triumphantes, com espessuras polidas de folhagens densas rigorosamente verdeneiras; e vêem-se choupaes enfleirados e sinuosos contornando mansamente ribeiros escassos que rugem de sede, — riachosinhos de tal colera e sanha, que para terem passagem abriam impetuosamente retorcidas gargantas n'esta natureza montanhosa.

Perto da Regua, o valle de Jogueiros na margem direita é como que a larga séde do mais luxuriante viço da vinha, que por elle se espalha maravilhosamente, feracissima, ondulante, como uma enorme e verdadeira inundação de verdura, em que agora o merecôrio outomno vae pondo grandes ondas amarellas, fracamente douradas. Mas em toda esta região apparentemente sã, o sinistro phylloxera anda já — latente; e passada a villa, — bella e rica povoação modernamente desenvolvida, mercê da preciosa uva, — os estragos do bicho atroz vão apparecendo bem patentes e amiudadamente, até que nas pittorescas paragens da Folgosa a pobre vide fallece de todo, e as altas collinas marginaes, mais apertadas sobre o Douro, começam a entristecer-se n'uma secca desolação. Foi-se a verdura regosijante; agora, é por toda a parte um aspecto queimado e deserto como se um vasto incendio por aqui passasse vorazmente; e apenas os olivedos antigos se salvaram da catastrophe; e o matto bravo e tristes pinheiraeas vão lentamente crescendo por onde a ridente vinha triumphava. Grandes quintas que davam duzentas pipas de vinho, por exemplo, não chegam agora a dar vinte; e os viticultores, povoações inteiras, succumbem esmagados pela miseria. Ha ainda propriedades livres no Douro superior; mas perante

esta desgraça immensa, a gente pergunta-se sempre se dentro em pouco toda a vinha duriense não será completamente arrasada pelo bicho demoniaco.

E, visto que termino aqui estas rapidas cartas, não me peçam informações sobre os trabalhos constantes das commissões phylloxerescas; — ainda que, devo confessar, já me disseram que ellas tem produzido centenares de conspicuos reletorios. Oh! Mas n'esse caso o que me espanta é que todo o paiz não tenha cahido n'uma profunda catalepsia, — e que o caridoso phylloxera vá deixando em paz o resto florescente dos vinhedos. Ou ter-se-ha dado o parasita á longa leitura d'aquellas prosas mazorras? Desgraçado, seria então elle o cataleptico!

Outubro.

Monteiro Ramalho.

O AMIGO VISCONDE

III

Eram seis horas da manhã, quando o comboio chegou a Santa Apolonia. Ainda fazia noite escura.

Alvaro ia deitado de costas, com um joelho no ar, as mãos cruzadas sobre os olhos, alguns cabellos esguedelhados sobre a testa, a bocca escancarada, a resonar. Valentina acordou-o, abanando-o pelos hombros. Alvaro ergueu-se d'um pulo, estremunhado, esfregando muito os olhos. Depois que acordou de todo, bocejou; mas deixou-se cair n'um alquebramento de forças sentado sobre a almofada, dorminhoco, com os braços pendentes.

— O filho — dizia Valentina — olha que estamos em Lisboa.

— Onde? — perguntou elle, pestanejando — onde?

— Em Lisboa.

— Mas ainda é tão noite! — observou Alvaro. Valentina, de pé, ia retirando da rede as malas e os caixotes, que levavam na carruagem.

— Estás tolo com somno, Alvaro. E Lisboa, é, filho... Mexe-te.

Alvaro então ergueu-se outra vez, tomando uma resolução definitiva. Repuxou o cox das calças para a cinta, ageitou os cabellos, distendeu os braços, abriu muito a bocca e espreguiçou-se.

— Ah! que secca de viagem!

Entregaram a um carregador a bagagem toda que levavam no trem. Apenas saltaram, offereceu Alvaro o braço a Valentina; e, em quanto caminhavam ao longo da gare, acotovellados pela multidão dos outros passageiros, que passavam apressados, tirando-lhes a dianteira, uns homens de figuras esquelidas e tresnoitadas, de chapéus ordinarios, a voz rouquenha, approximavam-se d'elles, perguntando:

— V. ex.^a ha de querer hotel? — carregando no ó.

— Não, senhor.

— É o Pelicano...

E como Alvaro continuasse a andar, o homem seguia-o ao lado, repetindo:

— É o Pelicano, meu amo. É muito bom hotel,

Alvaro impacientou-se, sobretudo pelo hotel, e, voltando-se de repente para traz, gritou-lhe:

— Não quero! Deixe-me. Que massadores!

O homem estacou ao principio, e recuou cabisbaixo, resmungando.

Ao entrarem na sala das bagagens, uma fila de guardas d'alfandega estava ao fundo revistando as malas.

— Lá está a quadrilha — disse Alvaro.

O carregador pôsou a bagagem sobre o mostrador, e depois de recomendar que era o 17, apontando com o dedo o numero do bonet, correu a chamar fóra uma carruagem.

— O 17! — gritou-lhe Alvaro de longe. — A tipoia menos suja que lá vives.

Um passageiro que estava ao lado, com um alforge d'estamenna listrado deitado aos hombros, olhou para elle espantado, e sorriu-se.

Alvaro acompanhou Valentina á carruagem, e voltou para «mostrar as malas á cafila.»

Mas foi logo ter com o amigo visconde, que entrava vagarosamente na estação, trazendo Leonide pelo braço. Trocaram algumas palavras, e Alvaro, falando em portuguez para que Leonide não comprehendesse, disse-lhe:

— Sabes que tive um susto, Luiz?!

— Então?

— Receei que minha mulher te visse.

O visconde teve um sorriso de superioridade, e respondeu:

— Eu sei guardar as conveniencias.

E explicou que tinha estado a espreitar de dentro da carruagem que elles passassem, e só se apeou muito depois, para dar tempo a não ser visto.

— Ainda bem — disse Alvaro.

— Para onde vaes tu? — perguntou o visconde — para tua casa?

— Não.

Ninguém o esperava. Não sabia até se já teria lá criados que os servissem. Queria fazer uma surpresa á tia de Valentina, logo, de tarde, e por isso viera sem prevenir.

— Então vaes?... —

— Para o Central.

Tinha graça! Era justamente para onde ia o visconde. O criado também o não esperava, e por isso tinha prevenido para lhe terem prompto um quarto rasoavel.

O carregador veio chamar Alvaro.

— Adeus, até logo — disse elle.

E, demorando a mão no *shak-hands* de Leonide, fitando-a com insistencia, propoz, voltado para o visconde:

— Almoça tu comnosco.

— Não posso, respondeu logo o visconde — e, indicando Leonide com o queixo, acrescentou:

— E esta? hei de deixal-a só?

— Então lá vos appareço.

E partiu.

Que inveja lhe fazia o visconde! Vejam que delicioso almoço elle teria agora n'um *tête-à-tête* com Leonide, se ainda se conservasse solteiro! E, enquanto o guarda lhe fiscalisava a bagagem, remexendo bem no fundo das malas, espreitando nos cantos, Alvaro ia recordando alguns almoços, que tivera outr'ora em estalagens do campo, com bailarinas e cantoras de S. Carlos, no seu *bello tempo de rapaz!*

— Tudo passou! tudo! — E este pensamento soava-lhe tristemente na alma, como um dobre de finados!

Ah! mas Leonide ia encantadora! O arzinho fresco da madrugada avivara-lhe a côr rosada da face. O desalinho do cabello, que lhe caía esfarrapado sobre as sobrancelhas, era d'uma graça infinita! E a côr do rosto d'uma pallidez mate, uma pequenina ruga ao canto da bocca, o alquebramento geral das suas forças, dando-lhe um *tic* de voluptuosidade, e obrigando-a quasi a arrastar-se, pendente do braço do amante, tudo, emfim, tudo perturbava, n'uma especie de embriaguez passageira e doce, o espirito fraco de Alvaro. Porque, n'aquelle singular hypnotismo, chegava a fixar, uma por uma, todas as particularidades de Leonide, e a dar-lhes uma interpretação extravagante. E eram então as olheiras, sim, aquellas olheiras d'uma leve côr de bistre, sobre as quaes o esmalte negro dos seus olhos tinha maior brilho, que sobretudo o excitavam, porque eram de certo as denunciadoras d'uma noite cheia de prazeres!

— Ah! — dizia Alvaro, n'um impeto de inveja, mordicando o beijo inferior — o ladrão do visconde!...

A carruagem atravessou as ruas estreitas e tortuosas da Baixa, aos salavancos, com um telintar ruidoso das vidraças e um retinir aspero de feragens velhas nas mollas desconjunctadas. A luz do gaz dos candieiros, espetados á borda dos passeios alternadamente d'um e d'outro lado, a sombra irregular e fugitiva da carruagem alongava-se da rua ás paredes das casas fronteiras. A maneira que entrava na cidade, e proximo do Terreiro do Paço, alguns lampeões estavam já apagados, e lobrigava-se apenas, recortado na sombra do passeio, o vulto esguio d'um homem, com uma vara ao alto, que os ia apagando de espaço a espaço, e um por um. No Terreiro do Paço, a sentinella, sósinha no meio da praça, girava defronte da guarita, de espingarda ao hombro, dando grandes passadas sonoras. Pela rua do Arsenal algumas carroças rodavam vagarosas, o cavallo de cabeça oscillante e o carroceiro em cima assobiando alto.

A carruagem seguia sempre á desfilada, com grandes bordos sobre os *rails* do americano. Ao dobrar de repente á esquina do Corpo Santo, o cocheiro soltou um grito, e um homem de blusa azul e bonet atravessou a correr á frente dos cavallos, e estacou no meio da rua, virado para o cocheiro, ameaçador, praguejando com os punhos no ar.

(Continúa.)

Alberto Braga.

EPIHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1787. — Janeiro 1. — Morre em Lisboa em sua casa, sita na calçada de N. S. das Necessidades,

de idade de 45 annos, o erudito mathematico José Anastasio da Cunha.

Alguns o fazem fallecido em 31 de dezembro de 1787. Innocencio da Silva mostra á evidencia, em face da certidão de obito d'aquelle distincto escriptor, que elle falleceu na data supra-citada.

1840. — 1. — Representa-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes, em beneficio da actriz Carlota Talassi, a portuguezissima comedia, premiada em provas publicas: *Cambões do Rocio*. Esta peça theatral, tantas vezes representada quantas applaudida, foi escripta por Ignacio Maria Feijóo.

1852. — 1. — Abertura da grande exposição agricola, promovida pelo vereador da camara municipal de Lisboa, Ayres de Sá Nogueira. Teve logar nas salas ao praço do-chão debaixo da arcade occidental da Praça do Commercio, onde hoje estão localizadas as repartições do correio e telegraphos do reino.

1790. — 2. — E creada a *Academia Real de Fortificação, Artilheria e Desenho*, em Lisboa, pelo ministro Luiz Pinto de Sousa Coutinho.

Foi estabelecida no antigo palacio do duque de Palmella, no largo do Calhariz, tendo logar a abertura em 20 do referido mez e anno. Depois foi mudada para o edificio do Collegio dos Nobres, então situado na rua do Monte Olivete. Em 12 de janeiro de 1837 foi reformada, dando-se-lhe a denominação de *Escola do Exercito*.

1863. — 2. — Morre pelas cinco horas da manhã, na casa da sua residencia, na rua de S. Francisco de Salles n. 64, José Ignacio de Andrade, auctor das celebres *cartas da Índia e da China*.

Estas cartas foram escriptas nos annos de 1815 a 1835 a sua mulher D. Maria Gertrudes de Andrade. Constam de dois tomos, ornados de muitos retratos e estampas.

1666. — 3. — Morre D. Rodrigo da Cunha. É d'elle a *Historia Ecclesiastica de Lisboa*, obra muito bem escripta, que revela a profunda erudição do seu auctor.

D. Rodrigo da Cunha foi arcebispo de Lisboa, conselheiro d'estado e governador do reino. Existe o seu retrato na quinta de Marvilla chamada vulgarmente a *Quinta da Mitra*.

1824. — 4. — Morre no Porto, da idade de 75 annos, a insigne poetisa D. Catharina de Sousa, viscondessa de Balsemão. Foi denominada a *Sapho Portugueza*.

Nasceu em 29 de setembro 1749. Compôz o poema as *Solidões*, uma collecção de *Fabulas*, sonetos, odes, etc. O seu retrato vem na *Illustração, Jornal Universal*, Vol. 1 pag. 127.

1837. — 4. — É abolido o *Collegio dos Nobres*, que havia sido creado em 7 de março de 1761, sendo applicado o seu edificio e rendimento para a *Escola Polytechnica*.

E não no dia 12, como diz o sr. Valdez, no seu *Almanach do Exercito* de 1855, pag. 374.

1839. — 4. — Morre com mais de 80 annos, o sabio João Pedro Ribeiro, tido como o fundador e patriarcha da sciencia diplomatica em Portugal.

Foi auctor das *Dissertações chronologicas e criticas sobre a historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil em Portugal*, e outras muitas obras de grande valia scientifica.

1801. — 5. — Nasce em S. Martinho de Ginfões, Manuel da Silva Passos, illustre tribuno e grande politico.

A sua biographia e retrato vem na *Revista Contemporanea*, n. 7, de 1855.

1851. — 5. — Estreia, no theatro de S. Carlos de Lisboa, da famosa contralto Madama Rosina Stoltz, com a opera de Rossini: *Simiramis*.

Foi a primeira vez depois da Catalani e da Sycard, que uma verdadeira celebridade europeia feminina, pisou o palco do nosso theatro lyrico.

1861. — 5. — Tem logar no theatro de S. Carlos o debute da celebre prima dona absoluta A. Fricci, com a opera de Donizetti: *Marino Faliero*.

Causou grande enthusiasmo e foi recebida desde logo como uma verdadeira notabilidade artistica.

1708. — 6. — Nasce o celebre poeta buccolico Domingos dos Reis Quita, auctor da tragedia pastoril *Lycore*, poema só comparavel em bellezas á *Aminta* de Tasso e ao *Pastor Fido* de Guarini. A melhor das suas quatro tragedias é a denominada *Castro*, que foi traduzida em inglez por Benjamin Thompson. O nome arcadico de Domingos dos Reis Quita foi o de *Alcino Miceno*. O sr. Pinheiro Chagas dá inexactamente no seu livro *Portuguezes Illustres*, como nascido este escriptor em 6 de fevereiro de 1728.

1753. — 6. — Nasce em Setubal Luiza Rosa de Aguiar, conhecida no mundo artistico pelo nome

de *Luiza Todi*, por ter casado com o violinista italiano Francisco Xavier Todi.

Foi uma das melhores cantoras do seu tempo, não só em Portugal mas ainda em toda a Europa, chegando a ser rival da celebre cantora Mara, d'onde se originaram os dois partidos *todistas e maratistas*. Falleceu em Lisboa em 1 de outubro de 1833, cega e quasi esquecida!

1814. — 7. — Determina-se que o *Collegio da Feitoria*, seja mudado para o sitio da *Luz*, onde estava o edificio de *Nossa Senhora dos Prazeres*, instituido pela infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel, para servir de hospital.

Marcou-se desde logo o numero de alumnos, que haviam de ser 50 por conta do estado e 50 pensionistas por conta dos paes. Foi approvada a mudança do collegio para a *Luz* em 18 de maio do referido anno.

1794. — 7. — Decreta-se uma pharmacopéa geral para as boticas de Portugal e colonias, a fim de servir de norma aos boticarios e prevenir os descuidos e desordens com que se manipulavam as preparações medicamentosas.

Por esta lei todos os boticarios eram obrigados a terem nos seus estabelecimentos um exemplar da dita pharmacopéa.

1850. — 8. — Sobre á scena no theatro de D. Maria II, pela primeira vez, a lindissima comedia original do sr. Joaquim da Costa Cascaes: *O Mineiro de Cascaes*.

O theatro de D. Maria teve repetidas enchentes por causa d'este magnifico quadro dos nossos costumes populares.

1803. — 9. — Instituição da *Academia Real da Marinha e Commercio do Porto*.

Os estatutos foram approvados em 29 de julho de 1803 e reformados em 16 de agosto de 1823.

1810. — 10. — Primeira representação em S. Carlos da opera de Marcos de Portugal: *O Triunpho de Gusmão*.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

ANNAES DO CLUB MILITAR NAVAL, n.º 10 — de 1882. Esta publicação interessante encerra artigos de muita utilidade, e que recommendam, como sempre a importancia destes *Annaes*.

PROJECTO DE ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS DO PORTO. Tem 16 capitulos e 72 artigos, pelos quaes se pretende reger esta nova instituição, fundada no Porto, por occasião da morte do illustre estadista e jornalista Antonio Rodrigues Sampaio.

Á VOLTA DO MUNDO, *Jornal de Viagens e Assumptos Geographicos*, directores litterarios Theophilo Braga e Abilio Lobo. Empreza Litteraria Luso Brazileira editora, Lisboa. N.º 15, 16, 17, 18, 19 e 20 com magnificas gravuras, parte d'ellas relativas á viagem de Serpa Pinto, e artigos importantes, incluindo os excerptos da viagem de Serpa Pinto.

ARCHIVO DOS AÇORES, publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana. Volume quarto, numero vinte. — 1882, Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel. Typ. do *Archivo dos Açores*. S.º de 96 paginas. É este o 2.º fasciculo do 4.º volume d'esta importante e já valiosissima publicação. Abre com um curioso documento, o livro do Almoxarife da ilha de S. Miguel em 1527.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

O amor entre os casados conduz á felicidade.

que encerra interessantes noticias relativas ás rendas e igrejas da ilha, n'aquelle periodo. Tem mais uma notavel collecção de documentos relativos aos serviços prestados por varios açorianos em Africa, onde vem correcta a carta de D. Gutierrez de Monroy sobre a perda da fortaleza de Santa Cruz do Cabo de Gué, que Fr. Luiz de Sousa publicou com alguns erros; umas notas estatisticas muito curiosas colligidas pelo P.^o Maldonado, concluindo com uma collecção de documentos de 1474 a 1582 relativos aos Corte-Reaes de muito interesse historico. Mantem-se n'este fasciculo o interesse e importancia que esta publicação tem adquirido desde o seu apparecimento.

ESTATUTOS DA SOCIEDADE ANTI-PHYLLOXERICA THOMARENSE. Tem 51 artigos estes estatutos com que pretende fundar-se em Thomar uma sociedade de socorro mutuo, com o fim de combater a invasão do phylloxera n'aquelle districto, agremiando para esse fim os vicultores, os quaes mediante uma quota annual extremamente modica, ficam habilitados a que a referida sociedade, lhe trate as suas vinhas quando estas sejam invadidas pelo terrivel flagello do phylloxera.

LE SCANDALE D'HER — LE COMÉDIEN, par un journaliste (Octave Mirbeau) suivi de l'entre-filet de M. Vitu — La lettre à M. Magnard — L'ordre du jour du Chateau d'Eau. — 2.^e édition — Bruxes, Succ.^s de Daffis... 7, rue Guénégaud, à Paris. 1883. e LA REPONSE DE M. COQUELIN, de la Comédie-Française — Les Comédiens, par un Comédien — Bruxes, etc. É um opusculo onde se contem as principaes peças que produziu a questão relativa aos actores, levantada pelo celebre artigo de Mirbeau, inserto no Figaro de Paris, e que já é conhecida do publico. A singularidade d'este opusculo é ter já a data de 1883 (o que aliás é commum em França), e ser impresso, como se dissessemos de cabeça para os pés, isto é a primeira parte como em qualquer outro livro, e a segunda começando no fim, virado o opusculo de alto para baixo. É muito bem impresso.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA. Publicaram-se os 7.^o e 8.^o fasciculos, chegando já a pag. 120. Compreendem, alem da conclusão do artigo anterior, o 7.^o que encerra o Cerimonial da entrega das chaves da cidade muito curioso, o 8.^o Doações, que nos parece muito limitado, sendo natural que antes da doação de Afonso 3.^o, primeira que o sr. Freire d'Oli-



JOSÉ MARIA DE CAMPOS
Ajudante de machinista da eschocreira Rio Aves
(Segundo uma photographia)

veira aponta, tivesse havido outras, de que por ventura não restará vestigio; encetando o 9.^o Capitulo de cortes, vasta e copiosa fonte dos direitos e regalias municipaes, e do direito e

administração do paiz. Seria muito para desejar, que, enquanto se não acabam de extraviar, perder e dilacerar os preciosos restos dos nossos capitulos de cortes, o governo ou qualquer corporação encetasse o commettimento da sua publicação, já que a continuação dos *Portugaliae monumenta*, espera pelo som da trombeta de um anjo que a excite.

HISTORIA UNIVERSAL pelo dr. Jorge Weber, traducção e notas de Delfim d'Almeida, Empresa Litteraria de Lisboa, editora, Lisboa. Fasciculos 17, 18, 19 e 20 sendo o fasciculo 19 o ultimo do 2.^o vol. e acompanhado de duas gravuras «Um castello da idade media — Alcazar de Segovia» e «Cavalleiros da idade media combatendo».

O fasciculo 20 é o primeiro do 3.^o vol. pelo que se vê a regularidade e rapidez com que a empresa está publicando esta obra.

ALBUM ESCOLAR, jornal litterario e recreativo redigido por academicos. Braga. 1.^o anno n.^o 1 de 1 de dezembro de 1882. É uma publicação em que a mocidade academica de Braga faz a sua estreia litteraria.

São dignas de louvor estas tentativas, que servem muitas vezes para a revelação de grandes talentos.

RETRATO DE S. M. A RAINHA D. MARIA PI.^a Brinde do «Commercio de Portugal» aos seus assignantes.

É uma formosa phototypia do distincto artista o sr. José Leipold, segundo uma primorosa photographia do sr. Carlos Velas.

Este trabalho honra muito o sr. Leipold que junta aos seus bellos trabalhos de gravuras em metaes, mais esta especialidade que cultiva com muita distincção.

FABRICA NACIONAL DE TINTAS DE IMPRENSA. Carta do sr. José Julio Rodrigues ao publico em que relata os progressos que tem feito a nova industria de tintas typographicas que, ha pouco, fundou em Portugal, e das difficuldades com que tem luctado, para a sua introdução.

O provado talento e grande actividade do sr. José Julio Rodrigues são a garantia mais positiva da excellencia da sua nova industria, que, segundo a referida carta, conta já um importante, consumo no paiz.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883

Lallemant Frères, Typ.
6, Rue de Valenciennes, 4



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — TUNNEL DE ALHANDAR, NO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA
(Segundo uma photographia de E. Biel) Vid. artigo Caminho de Ferro da Beira

PREÇO DA ASSIGNATURA D'ESTE PERIODICO PARA 1883

Moeda forte, franco de porte:

CONTINENTE DE PORTUGAL E ILHAS	
Anno ou 36 numeros.....	3\$800
Semestre ou 18 numeros.....	1\$900
Trimestre ou 9 numeros.....	8950
POSSESSÕES ULTRAMARIINAS	
Anno ou 36 numeros.....	4\$000
Semestre ou 18 numeros.....	2\$000
ESTRANGEIRO, UNIÃO GERAL DOS CORREIOS	
Anno ou 36 numeros.....	5\$000
Semestre ou 18 numeros.....	2\$500
BRAZIL (MOEDA FRACA)	
Anno ou 36 numeros.....	15\$000
Semestre ou 18 numeros.....	7\$500

PREÇOS DOS VOLUMES

1.^o 2.^o E 3.^o VOLUMES

Cada um encadernado.....	4\$000
• • bruchado.....	3\$000

4.^o E 5.^o VOLUMES

Cada um encadernado.....	5\$000
• • bruchado.....	4\$000

Para o estrangeiro, pelo correto acresc 1\$000 réis por cada volume.

As pessoas que quizerem adquirir a collecção completa do Occidente o poderão fazer do modo que mais lhe convier, ou seja por volumes ou por series de numeros seguidos pelos seguintes preços:

Séries de 12 numeros relativos aos 1.^o, 2.^o e 3.^o volumes 1\$500 réis. Séries de 6 numeros 750 réis. Séries de 18 numeros relativos aos 4.^o e 5.^o volumes 2\$000 réis. Séries de 9 numeros 1\$000 réis.

CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empresa do Occidente tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do Occidente, 1.^o, 2.^o, 3.^o, 4.^o e 5.^o

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fórs de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Tambem se fazem encadernações com estas capas por 1\$200 réis.